

## **REFERÊNCIA E SENTIDO**

**(RELENDO LADRIÈRE)**

*Hermas Gonçalves Arana*  
*UNICAMP*

**Resumo:** Apoiado em Ladrière, o texto trata de como os signos se relacionam com os seus referentes, nas ciências formais, nas ciências empíricas e nas ciências hermenêuticas. Conceitos como o de representação e modelo são invocados em cada um destes níveis.

**Palavras-chave:** Representação, Modelo, Signo, Referência, Sentido.

**Abstract:** Supported in Ladrière, the text deals with how signs related to their referents, in the formal sciences, in the empirical sciences and in the hermeneutic sciences. Concepts such as representation and model are invoked in each of these levels.

**Key words:** Representation, Model, Sign, Reference, Meaning.

## Introdução

**A**s *Palavras e as Coisas* chama-se a célebre obra de Foucault<sup>1</sup>. Há a ordem do discurso e há ordem das coisas, a que o discurso se refere.

Entretanto, há também o *sujeito* do discurso, que diz as palavras sobre as coisas...; há o *outro* do discurso, ao qual o sujeito diz as palavras sobre as coisas...

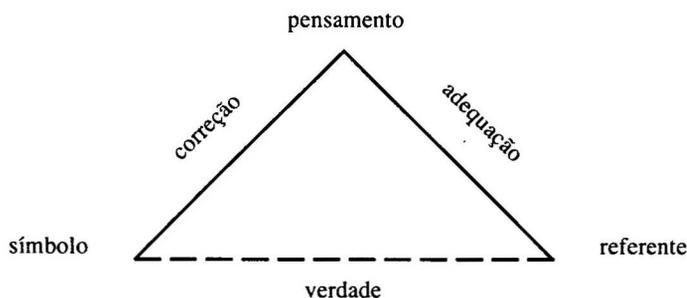
O presente escrito ocupa-se de algumas questões que se relacionam com a "passagem" do discurso para as coisas, para o mundo, a que o discurso se refere. Nossa ênfase será sobre o discurso científico, nos três registros em que ele se distribui: o estritamento formal, o empírico-formal e o hermenêutico.

### *A estrutura triádica do signo*

Do *signo* se diz que *representa* as coisas.

Esta noção de *representar* é muito complexa. De qualquer modo, encontrâmo-la amplamente aplicada aos signos na lingüística e na semiologia contemporâneas.

Para a elucidação deste *representar* é muito comum que lingüistas e semiólogos recorram atualmente ao *triângulo do signo*, tal como Ogden & Richards o propõem, em 1923<sup>2</sup>:



<sup>1</sup> M. Foucault, *Les mots et les choses; une archeologie des sciences humaines*, Paris/Gallimard, 1966.

<sup>2</sup> C.K. Ogden & I.A. Richards, *The meaning of meaning; a study of the influence of language upon thought and of the science of symbolism*, London: Routledge & Kegan Paul, 1923, capítulo 1.

"Símbolo", "pensamento" e "referente", no esquema de Ogden & Richards, correspondem aos três termos que aparecem logo no primeiro capítulo da obra, intitulado: *Pensamentos, palavras e coisas*. No caso, "símbolo" corresponde a "palavras" e "referente", a "coisas".

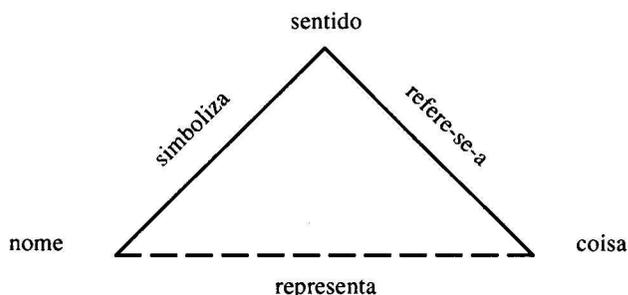
Tem sido afirmado que este diagrama, para o qual se voltam continuamente os estudiosos do assunto, é original.

Só por sua apresentação gráfica, entendemos.

Desde Platão, Aristóteles e os estóicos o assunto tem sido objeto de penetrantes reflexões. Os estóicos distinguem entre o significante (*semainon*), que é a voz, o som (*phonè*); o significado (*semainomenon*), que é o conceito, o dito pelo signo; e a realidade (*pragma*), o objeto (entidade física ou evento), a que o signo se refere. Agostinho, que tanto ressalta a natureza vicária do signo, distingue entre *verbum*, *dicibile* e *res*. Os escolásticos distinguem entre o *signans* (que é a *vox* ou o *nomen*), o *signatum* (que é o conceito) e a *res* (que tanto pode designar a matéria, como a *veritas*, a realidade verdadeira, para a qual tende o discurso como para o seu fim). Os lógicos de Port-Royal distinguem entre *nom*, *idée* e *chose*...

Posteriormente à obra de Ogden & Richards outras classificações aparecem, mas sempre na sua esteira.

Assim, o triângulo de Ullman<sup>3</sup> não é muito diferente:



Eco se propõe "fornecer uma nova versão do triângulo"<sup>4</sup>; contudo, apenas recenseia as diversas categorias empregadas pelos classifi-

<sup>3</sup> S. Ullmann, *Semantics; an introduction to the science of meaning*, Oxford: Blackwell, 1962.

<sup>4</sup> U. Eco, *Segno*, Milano: Istituto Editoriale Internazionale, 1973, p. 26.

cadores de hoje, e afirma em seguida que sobre a tripartição há suficiente acordo; o que se discute é o *nome* a ser dado a cada um dos pólos do triângulo, embora muitas vezes a divergência terminológica encerre significativas diferenças de pensamento.

### ***O lugar do referente no triângulo do signo***

Formula-se agora a seguinte pergunta: quando nos referimos ao triângulo como triângulo *do signo*, nós nos referimos a *todo* o triângulo?

Esta pergunta vem oportunamente, porque é grande a tendência dos lingüistas e semiólogos no sentido de reduzirem o signo ao lado esquerdo do triângulo, onde, conforme Ogden & Richards, estão situados o pensamento e o símbolo. Ocorre aquilo que tem sido chamado a "forclusion" do referente<sup>5</sup>: o referente, a coisa, não faz parte dos fatores de significação.

Assim, Ullmann, que sintetiza as teorias semânticas até os anos 60, afirma:

"Para um estudo lingüístico do significado, o triângulo básico oferece, ao mesmo tempo, mais e menos. Mais, porque o referente, o aspecto ou acontecimento não-lingüístico, enquanto tal, fica nitidamente fora do âmbito da lingüística"<sup>6</sup>.

Eco, em *Obra Aberta*, chega a dizer que

"numa perspectiva semiológica, o problema do referente não tem qualquer pertinência"<sup>7</sup>.

Encontramos em *O Signo*:

"O lingüista não está interessado nas ligações entre o signo e seu eventual referente objetivo, mas na constituição interna do signo, no seu poder significante, e, assim, na ligação significante-significado"<sup>8</sup>.

De modo geral, o estruturalismo lingüístico (Saussure, Jakobson e o Círculo de Praga, Hjelmslev...) — origem, aliás, dos outros estrutu-

<sup>5</sup> G. Hottois, *L'inflation du langage dans la philosophie contemporaine*, Bruxelles: Éditions de l'Université de Bruxelles, 1979.

<sup>6</sup> S. Ullmann, *op. cit.*, p. 115, 116.

<sup>7</sup> U. Eco, *Opera aperta*, Milano: Valentino Bompiani, 1962.

<sup>8</sup> Idem, *Segno*, p. 84.

ralismos — afirma que a questão semântica e a questão semiológica devem e podem ser tratadas separadamente.

Todavia, na perspectiva filosófica, mesmo sem a redução do sentido lingüístico à referência, como quer a "teoria referencial" (Russell<sup>9</sup>, Davidson<sup>10</sup>), o referente permanece, e permanece como questão<sup>11</sup>. Vejamo-lo por alto, no que diz respeito ao discurso científico, tomando como ponto de apoio alguns textos de Ladrière<sup>12</sup>.

### ***A relação de referência nas ciências formais***

Quanto às ciências estritamente formais (frisemos o "estritamente", porque o aspecto formal não é exclusivo das ciências formais: ocorre que estas, à diferença das outras, se contêm e se resumem nestes aspectos formais), é próprio delas se referirem a "entidades não empiricamente captáveis"<sup>13</sup>. Se o *referir-se* implica sempre o objeto

<sup>9</sup> B. Russell, On denoting, *Mind*, v. 14 (1902): 479-493.

<sup>10</sup> D. Davidson, Truth and meaning, *Synthese*, v. 17 (1967): 304-323.

<sup>11</sup> Ver, por exemplo, o que diz Ricoeur, em *La métaphore vive*, quarto estudo, quarto parágrafo, criticando a posição de Saussure.

<sup>12</sup> A partir deste ponto, citações de Jean Ladrière (1921- ), professor do Instituto Superior de Filosofia da Universidade Católica de Louvain. Citaremos assim:

*Articulação (L'articulation du sens: discours scientifique et parole de la foi*, Paris: Aubier-Montaigne, 1970. Em português, tradução de Salma Tannus Muchail: *A articulação do sentido*, S. Paulo: EPU-EDUSP, 1977);

*Desafios (Les enjeux de la rationalité; le défi de la science et de la technologie aux cultures*. Aubier, UNESCO, 1977. Em português, tradução de Hilton Japiassu, *Os desafios da racionalidade; o desafio da ciência e da tecnologia às culturas*, Petrópolis: Vozes, 1979).

*Práxis (Filosofia e práxis científica, textos selecionados e introduzidos por Olinto Pegoraro*, tradução de Maria José J.G. de Almeida, Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1978);

*Vida (Vie sociale et destinée*, Gembloux: J. Duculot, 1973. Em português, tradução de Maria Yvone da Silva Oliveira da Conceição Silva, *Vida social e destinação*, S. Paulo: Convívio, 1979);

*Limitations (Les limitations internes des formalismes*, Louvain: Nauwelaerts, s.d.).

No caso dos textos traduzidos para o português, citamos pela tradução.

<sup>13</sup> *Articulação*, p. 20 Cf. p.45: "Temos verdadeiramente o direito de, no sentido próprio, falar de símbolo a propósito da linguagem formal? /.../ O símbolo é diverso de um signo. Se ele nos remete a um termo diferente dele próprio, não o faz de maneira anônima e convencional como o signo, mas sim em virtude de sua estrutura constitutiva, porque em si mesmo é movimento, porque nele a significação se encontra, por assim dizer, erguida e transportada para além dela mesma. O símbolo de que as línguas formais fazem uso é, aparentemente, simples indicação, lugar vazio de um objeto ausente, instrumento abstrato, separado do seu sentido. E, contudo, mesmo então há um movimento de ultrapassagem, um encaminhamento, uma transgressão em direção a um domínio que, propriamente falando, permanece inexprimível, desde que, ao menos, nos limitemos às expressões fornecidas pela linguagem cotidiana, forjada a partir da experiência perceptiva".

da referência (o *designatum*), diremos que os sistemas formais têm seus objetos, sim, mas estes objetos são ideais — ademais construídos pelo tratamento teórico dado a eles, o que os torna intimamente cooptados ao sistema de origem, enquanto apenas suportes da sua efetividade operatória<sup>14</sup>.

Que os sistemas formais não se refiram ao mundo da empiria senão potencialmente<sup>15</sup> se colige da própria definição de *sistema formal*, a tal ponto que, neste caso, a afirmação da sua não-referência ao mundo empírico aparece ou como corolário da definição, ou como um modo parafrástico de a enunciar. Ladrière define os sistemas formais como figuras puramente abstratas (possibilidades de dedução) que não temos outro modo de apreender senão mediante suas apresentações, representações e interpretações<sup>16</sup>. Ora, os sistemas formais NÃO

<sup>14</sup> *Articulação*, p.23; *Práxis*, p.74, 75, 139 e 179. Cp. p.138 e 139. *Desafios*, p. 33. Não se está negando toda vinculação dos sistemas formais com o mundo empírico, por exemplo a vinculação de origem. Está-se tratando da relação de referência. Cp. *Práxis*, p.134. Mesmo assim, no entanto, é preciso distinguir níveis diferentes de operação simbólica. Em "O simbolismo como domínio operatório" (*Articulação*, p. 45-66), Ladrière primeiramente considera o símbolo como instrumento de designação (p. 46-49) de objetos ideais (no caso, os números inteiros, p. 47, e os números racionais, p.49). Depois, vem a instância da álgebra (p. 50,51), a da lógica (p. 51,52) e finalmente o operatório puro (p. 54-58) que constitui, segundo o mesmo Ladrière, a mais brilhante realização do pensamento formal. Ladrière descreve e relaciona as etapas que vão "do cálculo (isto é, das operações enquanto efetuadas) às operações em si" (p. 54). Na primeira etapa, as operações são ainda consideradas em sua ligação a objetos, que neste caso desempenham o papel de indivíduos concretos, nomeados pelos símbolos (p. 54,55). Na segunda etapa, "a operação é considerada como operação. Para tanto, é preciso fazer abstração dos objetos" (p. 55). Ainda se indica, entretanto, por meio de variáveis, como a operação considerada *pode* reportar-se a algum objeto (p. 55). Na terceira etapa, nem mesmo as variáveis têm lugar. É o campo do operatório puro. É o nível da lógica chamada combinatória. A este nível, afirma Ladrière em outro lugar da sua obra (p. 163,164), "os objetos desaparecem e só lidamos com o esquema vazio da efetuação enquanto tal. Naturalmente, para que a operação possa ser realmente efetuada, é preciso que disponhamos de objetos sobre os quais ela poderá efetivamente operar; no mínimo, precisamos poder ver claramente de que modo ela pode agir sobre eventuais objetos. Generalizando um método que teve sua origem na álgebra, o formalismo se proporciona quase-objetos sob a forma de indeterminadas" (p. 163, 164). "O que caracteriza o formal é precisamente a colocação entre parênteses dos objetos" (p.166).

<sup>15</sup> *Articulação*, p. 61-66; 168; *Práxis*, p. 132 ss.

<sup>16</sup> Sugestivas distinções de Curry (Haskell B. Curry, Some aspects of the problem of mathematical rigor. *Bulletin of the American Mathematical Society*, v. 47, 1941, p. 221-241), que Ladrière subscreve com entusiasmo. Ver *Práxis*, p. 135; *Articulação*, p. 21, 22, 60, 61... *Limitations*, § 19. Os sistemas formais são de ordem ideal. Para serem compreensíveis, "para podermos falar deles" é necessário que se tornem apreensíveis através de um grafismo apropriado, através de uma apresentação determinada. APRESENTAÇÃO de um sistema formal diz-se uma particular formulação ou enunciação daquele sistema por meio de símbolos que têm função designativa (designam os componentes primitivos do sistema, suas operações, seus predicados) e podem ser substituídos por outros, sem que isto modifique a natureza do sistema (a apresentação é contingente, convencional).

são estas apresentações, representações e interpretações; são ainda mais abstratos; são como sua lei geral: mesmo a noção de *cálculo* tem menor nível de abstração<sup>17</sup>.

Particularmente à idéia de interpretação vai associada a de *modelo*. Dar uma interpretação de um sistema formal é justamente dar um modelo deste sistema. Modelo: conjunto de elementos, ou objetos ("campo de interpretação"), postos em correspondência direta ou indireta com os componentes do sistema, de tal sorte que

- às proposições do sistema correspondam enunciados formados com elementos do conjunto;
- seja possível determinar, independentemente do sistema, se cada enunciado é falso ou verdadeiro;
- às proposições deriváveis do sistema correspondam enunciados verdadeiros<sup>18</sup>.

Interpretado, todo sistema formal se põe em relação com certo domínio de objetos. Ora, ou são ideais, ou são empíricos estes objetos. Em sendo empíricos, questões mais específicas se apresentam.

### ***A relação de referência nas ciências empírico-formais***

As ciências empírico-formais são sistemas formais interpretados em termos de fenômenos, em termos de realidades empiricamente

---

REPRESENTAÇÃO de um sistema diz-se certa forma de concretização e particularização do sistema, em que se atribui determinado sentido a seus componentes primitivos, coordenando-os biunivocamente a certa classe de objetos, perfeitamente definidos. Assim, as proposições puramente formais do sistema se convertem em proposições que enunciam propriedade e relações das entidades ideais ou concretas (números, coisas físicas, idéias...), postas isomorficamente em correspondência com as entidades formais.

Por fim, INTERPRETAÇÃO de um sistema diz-se a correspondência, neste caso não necessariamente isomórfica, estabelecida entre as proposições elementares do sistema e proposições que versam sobre um universo ou domínio de entidades bem determinadas e têm, independentemente do sistema, uma significação (ou seja, proposições cuja verdade ou falsidade pode ser determinada independentemente do sistema), quer se trate de proposições pertencentes a outros sistemas, quer se trate de proposições de uma teoria não formalizada; de tal modo que as proposições verdadeiras do sistema de origem, os teoremas, se achem associadas a proposições verdadeiras para o universo considerado.

<sup>17</sup> *Limitations*, § 23; *Articulação*, p. 54 ss e 163; *Desafios*, p. 35.

<sup>18</sup> *Limitations*, § 24; *Práxis*, p. 136 ss.

apreensíveis, conforme o padrão epistemológico inspirador da física<sup>19</sup>.

São discursos que se referem ao mundo natural.

Como, entretanto, se faz esta passagem: do discurso para o mundo? das palavras para as coisas? do *logos* para a *physis*? Qual será o sentido de *referir-se* em "A mecânica relativística se refere a campos eletromagnéticos"?

Por um lado, pelo lado do discurso, proposições somente podem ser comparadas a proposições:

"A partir do momento em que a linguagem entra em ação, estamos sob o domínio do conceito, sob o poder da discursividade, no reino da figuração pura"<sup>20</sup>.

Por outro lado, pelo lado do mundo, a percepção

"está muito próxima das coisas, está por demais mergulhada na vida do mundo para constituir um saber a respeito dele. É preciso a linguagem e a distância com que ela se situa em relação àquilo de que fala para que advenha esta duplicação na qual e pela qual o que se entrega à percepção pode tornar-se um objeto de conhecimento"<sup>21</sup>.

Nas ciências empírico-formais a passagem se dá justamente pela interpretação de um modelo.

"Não podemos passar de modo direto da percepção e do comportamento prático espontâneo que lhe é associado à construção teórica e à prática experimental. Torna-se necessário um intermediário, que é o modelo"<sup>22</sup>.

<sup>19</sup> "O modelo de inteligibilidade próprio às ciências empírico-formais parece realmente dever se vincular ao modo de inteligibilidade próprio às ciências formais puras: é a inteligibilidade do operatório. Mas, enquanto nas ciências formais puras as operações se efetuam no vazio, nas ciências empírico-formais elas são carregadas de uma interpretação que faz com que apareçam como 'representantes', provisoriamente reconhecidos como válidos, das operações internas da 'physis'. Compreendemos a natureza, tentando, à nossa maneira, imitar suas operações, refazendo, por nossa própria conta, o desenrolar-se dos fenômenos cujos vestígios podemos registrar" — Articulação, p. 173. Sobre as ciências empírico-formais, em Ladrière, Articulação, p. 24-34; 67-84; 168-174; Práxis, toda a obra. Desafios, primeiro capítulo; e Vida, p. 236-239.

<sup>20</sup> Práxis, p. 70. "Não se pode comparar uma proposição ao conteúdo instantâneo da consciência perceptiva. Não se pode comparar uma proposição a não ser a uma outra proposição" — p. 69.

<sup>21</sup> Idem, p. 64.

<sup>22</sup> Desafios, p. 40. Cp. Práxis, p. 181: "Para utilizarmos uma teoria, é necessário podermos interpretar o que se faz e o que se percebe nos termos do modelo. As ações e as percepções pertencem ao mundo natural. O modelo situa-se num mundo abstrato.

Reencontramos aqui, portanto, embora em outra chave, a noção de *modelo* — e, correspondentemente, a de *representação*.

No âmbito das ciências empíricas, dado o objeto, podemos representá-lo, traduzí-lo, de modo figurativo (tangível, material, pictórico), ou de modo conceitual.

A representação física das moléculas por meio de esferas e hastes, a da casa pela planta, o planetário... são exemplos de modelos figurativos. Os modelos figurativos, de eminente sentido prático e pedagógico, mas controvertível valor científico<sup>23</sup>, são réplicas ou análogos dos seus respectivos originais.

Já as representações conceituais são entes de razão. O caso mais simples dos modelos conceituais é o dos objetos idealizados, construídos, que as teorias científicas admitem como seus referentes diretos e só através dos quais, descrevendo-os, se reportam ao mundo da experiência comum, aos dados concretos da sensibilidade e da percepção. Conceitos como o de temperatura e campo de força poderiam ser invocados aqui.

Na descrição destes objetos, das suas propriedades globais ou da sua estrutura interna, as teorias se remetem a representações esquemáticas, sempre conceituais, abstratas, que também são chamadas de modelos<sup>24</sup>. Exemplos: a caracterização de um gás por sua temperatura e pressão ou a representação de um líquido como uma rede de moléculas.

Para que o modelo desempenhe seu papel mediador, pelo menos alguns dos seus elementos formais precisam estar associados a pelo menos alguns aspectos da realidade concreta, com a qual o modelo faz a ponte. A ponte, no caso, a conjunção, se dará mediante "regras de correspondência" (*bridge principles*), formalmente especificadas.

Os "pelo menos alguns" do parágrafo anterior sugerem que a representação do objeto pelo modelo é sempre esquemática: o modelo estiliza o objeto. Além disso, nunca o modelo concerne exatamente a *um* objeto, mas sempre a um universo ou classe de objetos, tomados como equivalentes em função de propriedades comuns. Demais, o mesmo objeto pode, em princípio, ser representado por mais de um modelo teórico. Assim, apesar das regras de correspondência e apesar dos testes empíricos que elas possibilitam, não são unívocas as

---

É a passagem de um plano a outro que representa o que há de mais característico e, ao mesmo tempo, de mais problemático no procedimento da física".

<sup>23</sup> Ver, por exemplo, M. Brodbeck, *Models, meaning and theories*, in Id., *Readings in the philosophy of the social sciences*, New York/London: Macmillan Company/Collier-Macmillan Lt, 1968, p. 580.

<sup>24</sup> *Desafios*, p. 42, 43.

representações, não são singulares — donde, em parte, as reservas de Ladrière ao modo como o empirismo estrito e o intelectualismo clássico entendem a idéia da verdade-representação e o papel da teoria nas ciências empírico-formais<sup>25</sup>.

### ***A relação de referência nas ciências hermenêuticas***

Se às ciências formais corresponde o critério da racionalidade e às ciências empíricas o da realidade, às ciências hermenêuticas, diz Ladrière, vai corresponder o critério da criticidade, que se confunde com o método hermenêutico. Este método, por sua vez, remete-se ao VERSTEHEN do célebre par ERKLÄREN — VERSTEHEN, mas, do mesmo modo que o primeiro termo, o segundo, VERSTEHEN, tem mais de um sentido. Ladrière menciona dois: compreensão tipo apreensão direta e compreensão tipo reconstituição indireta, por hipóteses. “Aqui, afirma ele, apontando para o segundo sentido, “encontramos verdadeiramente o método hermenêutico”<sup>26</sup>.

Ocorre que este segundo modo envolve determinados princípios de interpretação, cuja elaboração põe em jogo tanto o intérprete como a própria compreensão que o intérprete tem de si mesmo. Daí, o círculo do método hermenêutico e o problema da sua fundação<sup>27</sup>.

Compreender (tal, o labor do método hermenêutico) é apreender sentido<sup>28</sup>. O mundo do(s) sentido(s) é o referente<sup>29</sup>.

Para captá-lo não exclui Ladrière, num primeiro momento, o método de recorrer

“a hipótese (isto é, à teoria, em suma), à explicação por dedução, à verificação empírica das hipóteses”<sup>30</sup>.

<sup>25</sup> Articulação, p. 172,173; Práxis, p. 65 ss.

<sup>26</sup> Vida, p. 241. Sobre o método hermenêutico, em Ladrière, Articulação, p. 34-41; 174-180; Vida, capítulo IX.

<sup>27</sup> Articulação, p. 40; Vida, p. 242.

<sup>28</sup> Portanto, há também compreensão no caso das ciências empírico-formais. Também elas, no seu próprio nível, são hermenêuticas. Desafios, p. 32; Práxis, p. 22 ss.

<sup>29</sup> “Assim como o pensamento puro, enquanto pensamento da operação é, em definitivo, pensamento dele mesmo, dado que só é pensamento da operação sendo, ele próprio, operação, assim, também a reflexão hermenêutica se revela, em última análise, enquanto elucidação das significações, como apreensão da significação por ela própria, visto que, nela, as significações se mostram precisamente na sua função significante e que esta função reporta não a um objeto privilegiado qualquer ou a qualquer domínio em si, mas, sim, a um movimento fundamental de desvelamento

Ora, é bem este o método hipotético-dedutivo, ao nível das ciências empírico-formais! Sob que aspecto dele difere o método da interpretação?

Difere em que, neste último caso, "as hipóteses concernem às intencionalidades"<sup>31</sup>.

Entendâmo-nos: "concernir" é um modo de dizer "referir-se". O que Ladrière está afirmando é que a intencionalidade (o sentido) a que se refere o discurso hermenêutico não é uma coisa, é uma relação, e relação de um tipo bem determinado, que envolve homem e homem — envolve o próprio sujeito do discurso.

A vida das significações, a que o discurso hermenêutico se reporta e visa, é muito complexa. Num primeiro momento, consistiria o método em remeter a ação do homem às suas intenções explícitas, a seus projetos conscientes (ou implícitos, mas, em todo caso, passíveis de reconstituição a partir dos projetos conscientes). Quais as motivações, quais os objetivos da ação?

Em se tratando, por exemplo, da ação histórica, o sentido da vida subjetiva dos agentes não é, de jeito nenhum, *todo* o sentido, apenas uma dimensão dele, mas sem esta elucidação preliminar, diz Ladrière, seria difícil chegarmos ao outro sentido, mais amplo, da ação histórica enquanto tal<sup>32</sup>.

Em se tratando de um texto, do mesmo modo, devemos pesquisar (para além dos sinais gráficos) a intenção de significação que orientou primordialmente o escritor, o sentido vivido por ele<sup>33</sup>.

Ora, não temos acesso direto aos projetos, às intenções do homem. Só os resultados, as manifestações do projeto humano nos são acessíveis. O caminho é

"ir do sentido estabelecido ao sentido que os estabelece, de sua fenomenalidade à vida intencional que os gerou"<sup>34</sup>.

Ricoeur chama de longo a este caminho, ou a esta via, que passa pelas obras. Cresce a dificuldade à medida que consideramos também o irracional, ou seu sentido, que pertence ocultamente à vida da consciência<sup>35</sup>.

---

que é a própria existência, e que, em nada mais consiste do que no puro surgimento do sentido, no advento da significação à luz". Articulação, p. 179.

<sup>30</sup> Articulação, p. 176.

<sup>31</sup> Idem, ibidem.

<sup>32</sup> Idem, p.175.

<sup>33</sup> Idem, p.175,176.

<sup>34</sup> Idem, p.176.

<sup>35</sup> Idem, p.177.

Há esta

“vida oculta do sentido, que só se mostra no campo da consciência através de manifestações enigmáticas, por vezes configuradas em verdadeiro disfarce”<sup>36</sup>.

Em qualquer caso, permanece este aspecto do método: vincular

“produtos significantes às intencionalidades constituintes, quer sejam elas anônimas ou pessoais, quer pertençam a uma consciência subterrânea ou a uma consciência egológica, que estão na origem destes produtos e às quais estes produtos reportam”<sup>37</sup>.

Ora, estas obras, ou indícios, ou vestígios, ou manifestações, através dos quais, e só assim (indiretamente — método da reconstituição indireta) a significação nos é dada, CONSTITUEM POR SUA VEZ SIGNOS, pois são portadores da significação. Resultado: os signos de que trata a hermenêutica são SIGNOS DE DUPLA REFERÊNCIA<sup>38</sup>: têm mais de um sentido. Chama-se a isto sobreposição de sentido. Chama-se a isto concentração de sentido. Chama-se a isto SÍMBOLO, enfim — e a categoria de *modelo* que lhe concerne é a *metáfora viva*, de Ricoeur.

Modelo-sintoma: sinal de que há outro sentido...

Endereço do autor:  
Rua Conselheiro Paulo Souza, 478  
13083-080 Campinas — SP.

<sup>36</sup> Idem, p.178.

<sup>37</sup> Idem, 179.

<sup>38</sup> Idem, p.20